

SETEMBRO

O RISO

Preço
\$200



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos 3ª Serie	1\$000 »	Como ellas nos enganam.....	600 réis
A Familia Beltrão.....	1\$500	Um a Victoria d' Amôr.....	600 »
O Chamisco.....	1\$500 »	Horas de Recreio.....	600 »
Variações d'Amor.....	800 »	Barrado.....	600 »
Comichões.....	800 »	Velhos gaiteiros.....	500 »
	

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um.....	200 réis
Seis.....	1\$000 »
Pelo correio.....	1\$500 »

O CHAMISCO ou O querido das mulheres

Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SINHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000



Semanario artistico e humoristico

NUM. 71

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



CHRONIQUETA

O Rio civilisa-se, não ha duvida!

Verdade seja dita, essa maravilhosa descoberta não foi por nós feita; cabe de direito ao impagavel Figueiredo Pimenteira, o ineffavel *Petronio*... dos Suburbios e pontifice do «Binoculo», da *Gazeta de Noticias* e que além dessa descoberta já tem feito outras, entre as quaes avultam o celebre «corpo de carruagens» e a serventia do capim mellado...

A grande verdade é que o Rio civilisa-se de facto, e a prova disso é que já ha por aqui quem *finja* de anarchista, collocando bombas de dynamite á porta dos

srs. ministros, como succedeu, felizmente sem consequencias, com S. Ex. o muito sympathico sr. Rivadavia.

Mas, dar-se-á mesmo o caso de estarmos nós rodeados de anarchistas, que porventura que para aqui tenham vindo da *estranja*?

Deus nos livre disso! Basta já a *anarchia* em que vivemos, ou antes, em que se encontra o Brazil...

* * *

Vale bem um commentario a historia do tal *conde* de Payssegur e da *condessa* de Grandchamps, esses dois *melros* de bico amarello, aliás essas duas *aguias* que

O Riso

por aqui andaram, cavando a vida muito *honradamente*... elle vivendo á tripaforra graças ao grosso *arame* que da *condessa* arrancava, e ella exhibindo a sua formosura e a sua importancia de *titular*... falsificada, ao passo que *cavava* para ambos... illudindo papalvos e esvasiando bolsos recheiados.

Mas, como não ha bem que sempre dure e como a policia dá ás vezes para fazer de empata *modas*... lá tiveram os *condes* de preparar as malas e fazerem-se de viagem para o Velho Mundo, onde naturalmente irão dizer que o Brazil *est un pays adorable*, e que nós não passamos de uns *araras* de primeirissima ordem!

E olhem que não estarão muito longe da verdade...

Partida mesmo d'arromba foi a que pregou o general Prefeito, no dia de ssu anniversario, aos engrossadores que pretendiam *manifesta-lo* pela «faustosa data», deixando-os a ver navios...

Não estando pelos autos de aguentar estopadas nem discursadeiras de legua e meia, o bravo general tratou de dar o fóra, deixando o pessoal com um nariz mais comprido que imaginar se pôde.

Ah! que se todos os que nos governam pensassem do mesmo modo... lá se iam por agua abaixo as taes «manifestações de apreço»... e com ellas os *empreiteiros* das ditas.

Infelizmente, nem todos são da tempera do general Bento Ribeiro...

Noticiaram as chronicas o caso de dois rapazes, o Annibal Gomes e o Raul Teixeira, que, após attenderem aos *psius* de duas raparigas alegres da rua do Rezende, acabaram por apanhar uma valente sova que as mesmas lhes applicaram, por estarem elles a nenhum, que é assim como quem diz: comeram e não pagaram...

O mais infeliz dos dois, porém, foi o Annibal, que além da surra ainda levou com um vaso pelas trombas, isto é, levou com elle pela cara, ficando com o *frontispicio* escangalhado.

Agora, o que se não apurou bem, foi a especie de vaso que a mulherzinha lhe atirou á cara... Sim, ha tantas especies delles... e bem podia ser que a rapariga não estivesse com meias medidas e lhe atirasse mesmo com um vaso daquelles de que a gente lança mão num *aperto* qualquer...

Havia de ter graça si fosse isso mesmo, hein, *seu* Annibal!

Tem feito successo a idéa do deputado Garção Stockler pretendendo a regulamentação do jogo, do qual, diz o autor do projecto, o Estado pôde tirar proveitos com a taxa que lhe fôr imposta.

O que tem graça é a razão apresentada pelo mesmo deputado, para a apresentação do seu projecto.

Diz elle que “ha senhoras de magistrados que jogam no Jacaré” etc., etc.

Ora, isso não é um motivo forte para ser regulamentado o jogo, pois, senhoras ha, de magistrados e não magistrados, que jogam diaria ou nocturnamente na *cobra* e... ainda ninguem se lembrou de regulamentar o jogo por isso...

Em todo o caso, S. Ex. não deixa de ter razão, e a regulamentação do jogo é uma necessidade. O que é preciso, porém, é que S. Ex. se não esqueça de incluir tambem no seu projecto o jogo da zorra...

Deiró Junior.

Segundo consta, o conhecido homem de letras João do Rio vae ser nomeado ministro plenipotenciario na cidade dos Carvalhos, situada nos Paixes Baixos.

Quatorze Versos... Mãos

Vi-te.. Ao sahires, calma e sorridente,
Do Templo... Agarradinha ao *caro* esposo,
Tentavas, Dulce, apparentar um goso...
Que eu bem sabia ser falso... aparente...

E então—febril, convulso e rancoroso,
Ardendo em rubra colera impotente,
Ouvi dizer, a muita... a muita gente:
—Que bello par!... Que lindo par ditoso!...

—E' triste!... (aos meus botões, assim dizia)
Unir-se a noite ao resplendor do dia...
Ligar-se a um velho, ardente rapariga...

Mas... Entre os dois, meu coração balança...
Pois:—N'essa *aberratifica* ligança,
Não sei qual levará... *mais grande* espiga...

Escara velho.

ACHA-SE A' VENDA

Entra, Sinhór...

Preço \$500)o(Pelo Correio 2\$000

Pedidos á A. REIS & C.—Rosario-99

O RISO

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para
"O RISO"

deverá ser remetida á sua redacção á
RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.
Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis
Nos Estados.... 300 réis
Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital. ... 10\$000
Exterior.. .. 12\$000

Supplica

Deixa gosar, um só instante ao menos,
A tua carnação, forte, sadia;
Fruindo assim, a luz que se irradia
Desses teus olhos meigos e serenos.

Deixa sorver em goles não pequenos
O nectar de teus beijos... Alma fria!
Tem piedade da dor que me crucia;
Dá-me, por Deus, instantes mais amenos.

Corpo com corpo, labios bem unidos,
Do amor gosando os mais doces fluidos,
Bem enlaçados n'um amplexo forte.

Subindo assim aos páramos do goso,
Julgar-me-ia então bem venturoso,
Si nos teus braços encontrasse a morte.

Tupy do Brazil



O Calmon deu um ar de sua graça
na Camara, mas não explicou a sua
mutação politica. S.Ex. falou sobre instrução
publica.



O sr. Segreto, compadre da presi-
dencia, não quer terrenos na Avenida
gratuitamente. O homem dos rojões está
disposto a pagar. Desinteresse..

MUSEU DE RARIDADES

Inauguramos hoje esta secção, desti-
nada a acolher o grande numero de *rari-
dades* que por ahí andam e se tornam di-
gnas de figurar num Museu.

Já temos para hoje as *raridades* que
se seguem :

...A dentadura da comparsa do São
José, remetida pelo Galhamães

...o talento humorístico do *cômico*
Braga

...os sapatos brancos do Domingos

...as calcinhas do Frei Mahomet
...o celebre «boneco» aleijado», ofe-
recido pelo Albuquerque á Leonor do
Recreio

...a arte do Luiz Pinto

...os *negocios* do Leonardo Homem
de Estudo

...os «typos» creados pelo Linó Ribeiro
do S. Pedro

...a collecção de bichinhos da Can-
dida, do Pavilhão

...a *santidade* da Celeste, do S. José

...a valentia do José Alves

...as perninhas da actriz V. Açó

...a pulseira de *ouro* da Rosa

...as barbicas da Julia Graça.



ELLE—Que extravagancia é essa, me-
nina?... queres que eu vá parar em cima
de uma cama, com um grandíssimo *res-
friamento*?

ELLA—Não tenhas medo, meu velho.
Desde que des obriu o «Mucusan», desap-
pareceram esses receios.

O Piso

A patente

—Nunca, nas tuas aventuras, foste desagradavelmente surpreendido?

—Uma vez.

—E como acabou a historia? Tragicamente?

—Não. Comicamente.

—Como foi o caso?

—E' simples. Eu me dava muito com o Neves, aquelle que era empregado na casa Fort. Conheceste, ou antes: conheces?

—Não.

—Isso não vem ao caso. O indispensavel é que saibas que elle tinha uma mulher magnifica que não me custou muito a conquistal-a. O marido, quando nos conhecemos, não me cessava de elogiar as virtudes da mulher. E' uma santa, dizia elle. Sou muito feliz; casei-me muito bem. Apesar da segurança com que elle me affiançou isso, logo que lhe fui apresentado, adivinhei que a dama não era a casta esposa que seu marido retratava. Empreguei os meus meios e, em menos de um mez, a dama dizia-me blandicias que todos os homens apreciam.

—Onde?

—Em casa delle.

—Arriscado.

—Qual! Vou contar-te porque penso assim. Estava eu muito bem em casa della, no quarto do casal, em traje pouco recommendavel, quando inesperadamente appareceu o Neves..

—Que fizeste?

—Naturalmente amedrontei-me.

—Não disseste que elle...

—Sim! E' verdade que o suppunha incapaz de qualquer violencia, mas sabes que...

—Sim. A's vezes, os mais mansos são capazes do diabo.

—Bem. Amedrontei-me, vesti-me e tratei de raspar-me. Quando me ia escapando, o Neves veio ao meu encontro e abotoou-me, dizendo amavelmente: «és de uma audacia extraordinaria. Nunca imaginei que fosses tão corajoso. Gosto dessas coisas, mas tens que pagar a patente...»

—Que disseste?

—Fiz todas as promessas.

—Que te pediu elle?

—Imagina!

—Alguns contos de réis.

—Qual?

—Então o que foi?

—Imagina!

—Uma casa.

—Qual!

—Que foi, afinal?

—Que eu lhe pagasse uma caixa de vinho "Bucellas"

Xim.



Recebemos do «Centro Civico Sete de Setembro»:

«Sr. Redactor. Admiram-se os jornaes de que o Centro insistisse na manifestação ao sr. Prefeito, com *marche aux flambeaux*, etc.

Não ha motivo para tal. O «Centro», além de outros fins, tem tambem o das manifestações. Sempre foi assim e, si o sr. Redactor tem boa memoria, ha de lembrar-se do que faziam as associações congeneres que existiam e existem.

Um «Centro», como o nosso, tem necessidade de fazer com que a sua directoria tenha a gratidão dos poderosos, para felicidade não só dos seus membros como da associação em peso, porque, meu caro sr. Redactor, desde que os directores prosperem o «Centro» prospera. O «Centro» é de algum modo os seus directores.

«O Paiz», que achou na nossa insistencia chicana no engrossamento, não tem absolutamente razão.

Uma insistencia não pode ser chicana; é simplesmente um attestado de interesse e admiração profunda.

Ha, portanto, grave injusitça em falar dessa maneira a respeito de um «Centro» que, a par do dispensario da irmã Paula, é o mais forte esteio das instituições nacionaes, prestigiando a Patria, a Familia, a Humanidade e os seus Directores.

Se fazemos manifestações ao Prefeito, fazemo-las tambem ao general Julio Rocca.

Uma coisa, sr. Redactor, deve compensar a outra. Não acha?»



A mulher — Quincas, estou muito incommodada... Deixa para outra vez...

O marido — Que tens?

— Uma insomnia...

— Dorme que potassias.

O Riso



—Foi um noivado.
—Quasi desesperai.
—Como afinal conseguiste illudir a vigilancia do Alvim.
—Sabes que as mulheres são fortes em ardis e eu... sou tambem mulher.
—Sei bem; mas como foi?
—Para que queres saber?
Tenho curiosidade em saber-o.
Conta lá, meu amôr.
—Não vale a pena.
—Vale, sim; vale!
Arranjei que meu marido ficasse apaixonado por uma das minhas amigas.
E elle ficou.
—Como um patinho.
—E?...
—Foi ao *rendez-vous*, hoje.
—Quem é essa tua amiga!
—Es' curioso! E dizem que são só as mulheres.
—A's vezes, os homens tambem.
Quem foi essa tua amiga? Dize lá!
—Queres saber mesmo?
Quero.
—Foi tua mulher.
—De forma que?
—O meu marido está agora em tua casa. Foi unico meio que arranjei para estarmos sós e poderes exclamar: Emfim.

EMFIM!

Frederico chegou offegante ao *rendez-vous* que lhe marcara Mme. Alvim, esposa do seu melhor amigo o famoso engenheiro Alvim.

Mal descançou o chapéo e o sobretudo, cahiu nos braços da amante e exclamou com transporte:

—Emfim!

Mme. Alvim acompanhou com o mesmo compasso a satisfação do seu amante.

Desde muito que elles se amavam, se cartearam, mas não lhes fôra possível encontrarem-se. O dr. Alvim era vigilante e sagaz e Mme. não se animava.

Dessa maneira, era muito natural a pergunta que Frederico lhe fez:

—Como conseguiste?

—Muito facilmente...

—Não sabes, interrompeu Frederico, — não sabes com que alegria recebi o teu telegramma. Quasi desmaiei. Tu me amas mesmo?

—Muito, Frederico. Muito.

Ha um deus para os amorosos e elle não podia deixar de proteger-nos. Todo o dia, eu esperava que tu me escreveses marcando uma entrevista. Ha quantos annos isto?

—Ha quasi dois.

Hum.



QUE FAZER?

Quando a desgraça domina
Em casa de um triste pobre.

Ha na vida fundas dôres,
Que produzem dissabores
Dando ao triste negra sina.
E' fatal a desventura,
No lar de uma creatura
Quando a desgraça domina.

O soffrimento é a divisa;
E assim soluça e agonisa,
Quem não for rico, ou for nobre,
Ha sempre falta de pão,
E prantos de coração
Em casa de um triste pobre.

Eglobo.



Consta que o sr. Nicanor atacará brevemente os restantes ministros.

S. Ex. não atacará absolutamente o presidente da Republica. Homem coherente...



O Riso

E se não fosse eu ? !...

O Sr. Pantaleão era um «caibra» mettediço. Tinha até fama de conquistador. Na repartição, onde exercia as funções de escripturario, os seus collegas invejavam-n'o, porque a noticia de suas façanhas amorosas chegara até ali.

Muitos dos seus companheiros diziam:

— O' ! Pantaleão, reparta connosco essa porção de felicidade que te cerca a existencia. Não seas deshumano...

E elle orgulhoso, respondia cheio de satisfação :

— Façam como eu. Vistam-se bem. Frequentem a sociedade, porque só assim poderão fazer alguma conquista. As mulheres gostam muito dessas coisas.

Ao que os amigos retrucaram :

— Qual, meu amigo, é sorte, é sorte. »

.....
A senhora do seu Pantaleão, (sim elle era casado), cultivava em alto gráo a semente do ciúme.

Na sua ausencia, o seu esposo podia falar com qualquer senhora, mas, na sua presença a coisa fiava mais fino, porque a D. Lolóta, assim se chamava ella, não lhe dava esse direito ; se elle abusasse, «o negocio» corria perigo.

Modista como era ella, instalara em em sua propria casa as officinas e contratara algumas costureiras. O pobre Pantaleão, porém, não gosava o direito de ficar na sala de costuras, um só momento que fosse, a não ser quando a sua esposa ali estivesse. Ella mesma já lhe avisara algumas vezes :

— Olhe, meu caro esposo, aqui nesta sala o sr. só entra com a minha presença. Quando eu não estiver é prohibido o seu ingresso, ouviu ?

— O' ! Que diabo ! Então você me julga assim tão perigoso para com tuas jovens costureiras ?

— Não, filho ! E' que podes atrapalhar o serviço dellas com a tua prosa. E's tão maneiroso, que as meninas podiam ficar paradas a escutar as tuas fábias.

— Bem. Logo que assim queres, remedio eu tenho se não obedecer.

Entre as costureiras, a mais deliciosa, a mais gentil e mimosa era a morena Isaura que possuia todos os encantos de belleza e de meiguice.

O Pantaleão, desde o primeiro dia em que puzera o olhar em cima do perfil gracioso da encantadora Isaura, ficou deslumbrado. E d'ahi por diante não a perdia de vista, e de si, dizia : «Hei de conquistá-la. Custe o que custar...»

E toda vez que passava pela sala, procurava sempre um motivo para merecer um olhar de carinho da sua Dulcinéa, que algumas vezes lançava a vista sobre elle, mais por troça, por ironia, do que por amor ou amizade.

Nessas occasiões, apesar da esposa estar presente, entretida a custurar, o amoroso esposo sentia dentro do coração um fogo immenso, e então, levava horas esquecidas contemplando extasiado aquella imagem a quem elle desejava adorar.

Agora, pouco e pouco se demorava na rua e assim que a repartição se fechava elle ia direitinho para casa. Uma vez um seu collega chegou a dizer-lhe :

— Já vae, seu Pantaleão. Não toma o seu cafésinho ali no Jeremias como era o teu costume todos as tardes ? Isso é coisa.

— Que diabo eu hei de fazer agora nas ruas, debaixo dessa chuva cacete, quando tenho dentro de casa um céu estrellado.

— Assim...

— Perfeitamente. Estou atrahido pelo brilho de uma dellas, a mais luminosa, a meu ver, e que se chama a «estrella do amor.»

— Então, parabens. E' mais uma conquista em perspectiva...

— Estou em campo...

— E a tua esposa...

— E de nada desconfia ?

— Sim ? !...

— E' o que eu te digo.

— O que ! homem feliz !

— Sim, senhor. Eu sei fazer a coisa direito.

.....
O seu Pantaleão contando essa prosa, mentio ao seu collega, porque a costureira em questão, nem sequer lhe dava atenção, não passando do comprimento e de um olhar de escarneo que ella lhe dardejáva, toda vez que elle procurava fitá-a com insistencia.

O tempo ia correndo, quando uma tarde o Pantaleão, acompanhando a esposa que fôra avisada pela creada, que o jantar estava á meza, ao passar junto de sua «Virginia» deixou cahir sobre o seu avental o seguinte bilhete :

Espero-a hoje, sem falta, as 9 horas da noite, no Campo de Sant'Anna. Se eu, a essa hora, ainda não tiver lá póde esperar-me sentada no banco que fica junto á estatua do tigre.»

Teu do coração.»

P.

A costureira, lendo o bilhete riu ás bandeiras despregadas, depois, quando a

O Riso.

modista acabou de jantar e que vinha em direcção da sala elle foi ao seu encontro: — Sabe de uma coisa, minha mestra, o seu marido escreveu-me este bilhete.

— Que ! meu marido ! Pantaleão ! Deixa vêr...

Ora, D. Lolóta leu, leu, ficou furiosa, mas depois, mudando de tom, disse:

— Bem. Eu vou pregar-lhe uma peça. Olhe, você vai emprestar-me o seu chapéo e a sua mantilha, porque eu quero ir em teu logar. Percebeste? Ajuda-me nesta empresa e não digas a ninguem o que acabamos de combinar.

— O' ! não se inquiete. Ninguem saberá.

A' tarde, as costureiras foram sahindo do serviço, inclusive Isaura que foi para a casa; e a modista, depois que observou que todas ellas tinham desaparecido nas esquinas, sahiu por sua vez, em direcção do campo de Sant'Anna.

O Pantaleão já tinha sahido, logo apoz o jantar. De modo que, ao ouvir as badaladas das 9 horas, deu todo o vapor ao seu amor e abrindo as valvulas da sua paixão, fez-se de *vela* em rumo do Campo de Sant'Anna. De longe avistou um vulto de mulher sentado no banco junto do «Tigre», e ao chegar junto della cahiu de joelhos aos seus pés, julgando ser á dama dos seus sonhos, exclamando apaixonadissimamente:

— O' ! cheirosa cretatura ! Deixae que o vosso humilde servo beije as vossas mãos ! Por piedade, tirai este véo que encobre o rosto mais bello entre as mulheres !

Effectivamente, sentada no tal banco estava uma senhora. Naturalmente commovida pela supplica do ardoroso namorado, ella levantou-se e deixou cahir o véo. De subito, o seu Pantaleão ergueu-se, pallido, estupefacto...

— «Que ! Pois és tu, minha mulher? !

— Toda inteira. De que se admira ?

— Mas o que vieste fazer aqui ?

— A uma entrevista, em logar de uma amiga que me pediu.

— E julgavas que eu fosse o homem que...

— E' Pensava que era elle, o moço que eu vim esperar aqui...

E o marido, gaguejando, tremulo e cheio de ancias exclamou:

— E se não fosse eu ? !...

Esculhambofe.

Espera-se com anciedade o discurso que, em explicação pessoal, pronunciará o sr. Mané Reis a proposito do projecto de extincção do analphabetismo.

O deputado Antonio Carlos anda agarrado com o *deficit* do montepio civil. S. Ex. deve voltar as suas vistas tambem para o militar...



ELLE (suspirando)—Ai, ai!... Quem me dera ser peixe...

ELLA (com desdem)—P'ra quê, xente??

ELLE—P'ra comer-te a isca e cuspir-te no anzol.

Já está á venda

O CHAMISCO
OU
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correio 2\$000

O PISO

PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...



Cabe hoje aos illustres *Immorri-veis* cujas *produções* se seguem, a vez de fazerem a sua entrada triumphal para o «Pantheon», que tem a subida

honra de receber em seu seio tão *talentudos* cavalheiros quão *estupendiferos* cultivadores da *puésia*...

Apresentamol-os aos leitores para que os apreciem na devida altura...

Descrença

Quanta tristeza meu peito comporta,
Pobre coitado que já não descança
Desfazendo por completo a esperança.
Tristonha d'uma vida quasi morta.

Assim mesmo minh'alma não transporta
Siquér, ao som de meiga dança
As dores, nem mesmo na bonança
Crê da vida que é assim torta.

Finalmente, tristonho como Christo
A caminho do monte tenebroso
Vou andando, e como digo, não resisto.

Não vejo, um meigo sorrir siquér,
Não vejo o olhar de um pae honroso
Nem uma risinha figura de mulher.»

DEIRÓ NETTO.

Sabe você, *seu Netto*, a razão porque teve entrada no «Pantheon»? Pois teve-a porque o seu *soneto* é realmente um *monumento*... de estupidéz, e também porque o nosso companheiro Deiró Junior diz não haver dado á luz, perdão! diz não se lembrar de ser ou ter sido pae de quem quer que seja, e muito menos de um sujeito assim tão burro quanto você mostra ser; a menos que elle tivesse feito por ahí alguma *extravagancia* cujo producto fosse você e que assim degenerasse...

Olhe, *seu Netto*, vá fazer *sonetos* desta ordem para a casa do Carvalho, ouviu?

E' também digna de nota a *produção* que se segue, e cujo autor, bem se percebe, é um «linguista» de primeira...

Postal

Tu te recordas Olinda
Do tempo em que nos amamos?...
Sim, meu bem, lembrás-te ainda
Das bellas horas que passamos?...

Eu ardente te beijava
Tu me fazias uns carinhos...
Depois... aluz lá se apagava
E só se ouviam uns beijinhos...

A gente pintava o sete;
Tu gostavas muito de... *omellete*
Os quaes eu te fazia a jorro.

Tu em troca, e em farta messe
Consentias que eu fizesse
Carecias ao teu *cachorro*...

C. BENTO SERZEDELLO.

Então, *seu Bento*, você fazia... *omelletes*, para a tal Olinda, hein? E ella gostava disso que se pellava, não é verdade, *seu caradura*?...

Mas, diga-nos, *seu Bento*, eram mesmo *omelletes* que você lhe fazia, ou era outra coisa? Sim, você bem sabe que ha muita coisa que se faz por ahí... e que também termina em *ette*...

Estaremos nós enganados, porventura?... Si não estamos, você bem merecia que o cachorro da tal *zinha* lhe ferrasse uma dentada valente, para você não vir contar essas *porcarias* em tão máos versos

Outro pandego que melhor empregaria o tempo indo manipular *manteiga*... na Companhia *Sente-se e Prove*... é o *Immorrivel* que subscreve a seguinte obra:

Por um triz

Nós costumavamos a ficar sósinhos
A conversar *sobre* o caramanchão;
Eu pegava de leve a sua mão
E ella pegava na minha, entre beijinhos.

Juntando a minha perna á sua perna
Um calor eu sentia que me abrazava...
E ella, que daquillo bem gostava
Em mim os olhos punha, ruído terna.

Uma noite, por volta ahí das onze,
Eu esquentei-me, porque não sou de bronze...
E fui além demais do que devia...

Tive que dar o fóra, porque a cuja
Depois daquillo fez uma agua suja
E eu quasi acabei na pretoria.

E. D. MUNDO.

Pois olhe, *seu Edmundo*, não era para a pretoria que você devia ir, mas sim para a cadeia, e isso por varios motivos: — por *assassinar* a *grammatica*, por quebrar os *pés* aos versos, por abusar da pequena e também pelo descaramento que você teve em dizer que «pegava na della e que ella pegava na sua» (mão, entende-se...)

Uma vez conseguiu «dar o fóra» na pequena e teve a desdita de cair aqui, aguento lá os petelecos que lhe damos e... vá passar o... *peščoço* nas ostras, *seu semvergonha*!...

O PISO

Films...

FERNANDO MENDES

É filho do Maranhão o sr. Conde Fernando Mendes, Senador da Republica. Nasceu S. Ex. nessa terra encantada e bella do sublimado poeta Gonçalves Dias, autor de tanta coisa boa, no meio do qual, apparece a mimosa — «Minha terra tem Palmeiras» — Tem sido feliz, o sr. Conde, porque vae caminhando já para os 18 annos de Senatoria. Quantas vezes eu tenho visto S. Ex. em movimentação ali no palacete do repetidissimo finado o muito digno e venturoso sr. Conde dos Arcos!

Não sei si S. Ex. foi eleito lealmente ou clandestinamente, o que é certo, porém, é que o sr. Conde Fernando gosa de muita sympathia entre os seus conterraneos, não só daquelles que vivem no seu Estadó, como tambem dos que vivem aqui na Capital.

Quanta á popularidade, S. Ex. é muito acatado. Descendente de uma familia nobre, a sua posição na sociedade tem sido sempre brilhante. Os titulos que cercam o seu nome, provam bem o valor e o merecimento em que é tido S. Ex.

O sr. Fernando Mendes sendo um catholico ultramontano, fervorosamente rispido, e ao mesmo tempo piedosamente meigo e jovial, teve a ventura de ser agraciado com o titulo de Conde por Sua Santidade o Papa Leão XIII que descobriu na pessoa de S. Ex. um verdadeiro e puro filho do Christianismo. É Coronel, chefe do Estado Maior da Guarda Nacional Brasileira. É possuidor do pergaminho de Dr. porque tem borla e capello. É professor da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, e tambem do Museu Commercial. É igualmente commendador, cuja commenda veio de Portugal, como offerta feita a S. Ex. pelo malogrado Rei D. Carlos, assassinado barbaramente nas ruas de Lisboa; e finalmente quanto á titulos, é ainda Redactor chefe e proprietario do popularissimo «Jornal do Brazil», diario tão querido do povo pobre, humilde e triste que encontra nas suas columnas a franqueza, a liberdade e o agasalho para o echo de seus gemidos e das suas dôres.

E, no meio de tudo isso, o sr. Conde tem tambem a sua quedinha pelas diversões, particularmente o theatro onde S. Ex. tem gosado noites deliciosas, esquecidas horas na doce contemplação do bello, mas elle desfructa toda essa ventura quando não vae para dormir, porque S. Ex., é necessario que se saiba, dorme

algumas vezes, no seu camarote, quando tem de assistir alguma peça nova. Contam até, a proposito um facto interessante que se deu uma noite, estando S. Ex. com um amigo, n'um camarote de theatro. Era uma peça de estréa, genero tragico. Uma enchente boa. O ambiente estava carregado, fazia algum calor, talvez devido ao amontoado de espectadores, todos a respirarem e a suarem, produzindo, portanto, um certo abafamento que incommodava mais de perto áquelles que eram gordos, e que por conseguinte, soffriam desesperadamente. Aquelles que não podiam supportar tal calamidade sahiam, outros porém, sentiam tamanho *soffrimento* que cahiam no somno. Foi o que succedeu ao sr. Conde. No 2º acto já elle roncava maravilhosamente, quando um personagem da tragedia *matou tragicamente* um outro personagem. Para isso, porém, teve que sacar de uma pistola e dar um grande tiro no seu adversario. Ouviu-se um gran de estampido. Nessa occasião o sr. Conde Senador Fernando Mendes acordou sobresaltado e voltando para o amigo que estava ao seu lado perguntou-lhe: — Parece que foi um espirro que dei?! Ao que o amigo respondeu: — «Não, Senador, foi um tiro que deram no palco.»

S. Ex. quando se aborrece parece um mau homem, porque grita e diz que faz isto, que faz aquillo e aquillo outro contra quem lhe incommoda, entretanto é passageiro o seu aborrecimento, pois o seu coração é grande e magnanimo.

É incapaz de ficar insensível deante de uma dôr alheia. Sente-se até extraordinariamente vexado quando tem de dar um — não — a uma supplica. É a personificação da generosidade.

Portanto, é justo, justissimo que S. Ex. seja Senador da Republica, que ame o theatro, que adore as mulheres, que respeite o catholicismo, e que, sobre tudo, faça jús, diariamente, a essa adoravel pelega que acode pelo nome de cem mil réis.

Gaumont.



O ex-reactor da cultura, o brilhante Joaquim Vianna, deixou o civilismo, justificando que o civilismo é pouco civil, pois os seus paredros não attendem ao convite do presidente para ir ao baile que foi dado em honra do General Roca. S. Ex. tem razão: a polidez do *Sogra* merecia essa sua homenagem.

O PISO

Não se impressione!...

(CONVERSA FIADA)

Si alguém tiver por seu visinho,
Quem tenha o *lindro* o mão gostinho
De tocar flauta... ou saxofone...
Tape os ouvidos com geitinho...
— Não se impressione...

Si, após já finda a mocidade,
Nem mesmo por necessidade,
Seu pistolão não mais detone...
E' mais que justo... Em tal idade...
— Não se impressione...

Si a «cara esposa», com carinho,
A's vezes falla ao seu priminho...
Amavelmento... ao telephone...
Não faça caso, o «coitadinho...»
— Não se impressione...

Si a *dita cuja* não consente
Que o *cabra* durma e bem resomne...
E, por ter sangue, e sangue quente,
Só carne quer... Que o tal *doente*,
— Não se impressione...

Si, lá das célicas alturas,
Tombar, gyrando em curvaturas,
Correctas, mesmo... algu'n cyclone:
Não lhe attingindo as *redondurus*,
— Não se impressione...

Si «A Viuva Alegre», tão batida,
Ouvir cantar num gramophone:
Dê-lhe um *adeus*, de despedida
E vá sahindo... á toda brida...
— Não se impressione...

Si ao pé de si *grandona* bala,
De um *canhão* tombe e detone;
Não trate, não, de ir apanhal-a...
Não perca o tempo, ou perca a fala...
— Não se impressione...

E, si ao final d'esta *estopada*,
Talvez ja durma e já resomne...
Que Deus lhe dê boa noitada.
E... *inté ninhão*, de madrugada...
— Não se impressione!...

Escaravelho

Caçada de Pacas

Ao Chicão Figueiredo

Mecê appareça, lá no sitio, um dia,
p'ra nós matá uas paca de minhã,
ali no cór'go fundo de nho Uria,
no matto onde elle tira guarantan.

Pois o Juca Tinguá, que é um famonan,
impacotô duas paca e ua cutia...
tem feito um baruião que nem chan-chan...
— E a paquerada delle é porcária.

Eu subo lá p'ras banda da roçada
e mecê vae ficá lá no monjollo,
que ha de escuitá corrida na sortada.

Pôde atirá, sem susto que é na paca.
— E ha de mecê fazê sartá os miofo
da listrada mais gorda e mais veica!

Do Amg. Crd.

Bastião Praçununga



ELLE—Mas que lembrança foi essa
de trazer um travesseiro para a praia?

ELLA—Ora, bem vêes que de um mo-
mento para outro eu podia precisar de
me deitar, e não havia de pôr o cabeça na
areia...

A Família Beltrão

Interessante romance da vida real

PREÇO : 1\$500

PELO CORREIO : 2\$000

Pedido a A. Reis & C.—Rua do Rosario, 99

O Riso

FILMS... COLORIDOS



Na proxima quarta-feira, 2 de Outubro, realizam a sua festa artistica no elegante «Cinema-Rio» em Nictheroy, os applaudidos artistas Carmen Fernandes e Leopoldo Prata, que para esse fim organisaram um variadissimo programma, do qua, consta a linda colmedia *Amor Ideal* de Martins Teixeira Junior.

A recita, que será dedicada ao «Club dos Sovinas», promete ser brilhantissima e é de esperar que assim seja, attendendo á estima em que são tidos os beneficiados.

— Dá-se um doce a quem descobrir qual foi a *menina* do S. José que, indo passear de auto pela Avenida Rio Branco, fel-o parar para conversar com um machinista de bordo...

— Informam-nos que a Sylvina pretende embarcar brevemente para Lisboa, onde vae *despejar* um *carneirinho* que leva no bucho...

Si non é vero...

— Consta que a Ottilia do Chantecler vae com a *troupe* daquelle theatro para S. Paulo, mas não como corista e sim na qualidade de «ponto», ou de «contraregra».

Foi o que nos disse o Garrido.

— Diz o Natal Kiosqueiro que o Cartola continúa a fazer as suas fitas, tendo ha dias exhibido uma nada *modesta*, fingindo suicidar-se...

Ora, *seu* Guimarães, tome juizo!

— Segundo nos informou o Magalhães, do S. José, vae ser aberta uma subscrição naquelle theatro, afim de ser comprada e offerecida um vestido novo á Lola, para substituir aquelle que a mesma traz e que já está precisando entrar para um Museu.

Livra! que tesouras!

— Toda contente ficou a Luiza Lopes, na quinta-feira passada, por uma coisa que nós sabemos, mas a Angelinha Bocca de Sogra soube responder-lhe ao pé da letra.

A prova é que *O Riso* cá está, «bello e formoso...»

— Contaram-nos que uma *celeste* creatura do S. José, apesar da capa de *santa* que traz, continúa a exhibir as suas *fitas* bem escandalosas...

Depois dá o desespero quando contamos as coisas aqui...

— Segundo dizem as más linguas, a Rosa Bocca de Sopa, do S. Pedro, tem *enfeitado* a valer o S. Floriano.

E com que *candidez* ella o enfeita!...

— Disse-nos o Coimbra Gouveia, do Rio Branco, que a Leonor Buscapé continúa a furar os scenarios com o dedo, para melhor poder espiar os *coiós* que ficam na platéa.

O que dirá a isto o Orestes?

— Fomos informados de que a Luiza Lopes tem recebido grande numero de propostas dos *zinhos* que pretendem occupar o lugar de *ponto*...

Por ora, parece, a escolha ainda não foi feita; ella espera apenas que a *troupe* do Chantecler parta para S. Paulo, para depois decidir...

Operador.

O poeta João de Barros tem aprendido com o Roberto Gomes mais alguns *caçoetes*. Quando voltar irá completo.



Foi creada uma Escola de Pesca e, para a cadeira da dita em aguas turvas, foi nomeado o sr. Arsenio Bombin.



— Garantiu-nos a Leonor que a Clarisse continúa *coronella* e *senadora* para todos os effeitos.

Bom proveito lhe faça...

Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO

O Riso

Não, é demais...

Alcova nupcial. Moveis usuaes.
Cama ampla. E' noite. Não ha luz.
Lá fóra, a chuva cai forte.

O marido — Margarida !... Margarida.

Dizendo isto baixinho, o marido sacode mansamente o braço da mulher que quasi desaparece sob o cobertor commum. A mulher não lhe responde e elle continua:

— Margarida !... Margarida !

A sua voz tem uma expressão de medo e tenue como um fio d'agua a cair. A mulher, sem se virar, responde:

— Que é ?

— Vamos... Vamos...

Embora falasse baixo, aquella palavra repetida tinha parecenças com o miado de um gato amoroso.

A mulher — Não, Juca; não.

O marido — Porque ?

Estou com somno...

— E' num instante, meu bem.

O marido tem agora um accento de choro na voz. Insiste.

— Vamos, meu bem.

— Não.

— Como és má.

Calam-se um instante e a chuva redobra o seu vigor nos telhados. O marido não desanima.

— Meu bem, minha querida, porque não me attendes ? Que te fiz ?

— Nada, mas...

— Não deves ser má para o teu marido. Elle te trata tão bem...

— Não é por isso, mas...

— Diz, meu amôr, porque não queres fazer a vontade de teu marido.

— Estou com frio...

— Mas não precisa saires de debaixo do cobertor.

— Não é, por isso ; mas...

— Dize logo porque é... Fiz-te alguma coisa ?

Não.

— Então porque é ?

— Uma coisa...

— Dize, meu amor, qual a razão.

— Livra é cacete !

— Que tem ? Não gostaste ? Não te levei ao theatro ?

— Gostei, mas...

Explica-te logo...

Não ; é demais... Querer que eu venda todas as minhas apolices... Que dexarei aos filhos ?

Oié.

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA

FATIMA
EGYPCIOS

GIGARROS
MARCA VEADO

N.º 2 PONTA DOURADA

* * Luxuozamente preparados para o Bello Sexo * *

O Riso

Theatro d' "O Riso"

Os cinco réis

(FADO)

(Letra do actor Olympio Nogueira, musica do maestro Luz Junior; cantado com grande successo pelo tenor E. de Carvalho, na revista: — O Diabo que o Carregue).

Sou importancia bem pequena,
Sou o cinco réis desprezado;
Cinco réis... até faz pena!
Sou o preço de um rebuçado.

Faço febre, se um garoto,
Faminto, de pé descalço,
Me aperta no bolso rôto
Com mêdo que eu seja falso.

Sou o cinco réis redondinho...
Triste moeda de cobre!
Tratado sou, com carinho
P'las mãos callosas do pobre.

Sou pequeno, sou mesquinho
Mas a miseria suaviso
Da mãe que obtem p'ra o filhinho
Por cinco réis, um sorriso.



Entre ellas:

— Porque enganas teu marido?

— Filha, com o temperamento que tenho, si o não enganasse, matal-o-ia em dois mezes.



MALA D'O "RISO"

Chico Comello — Que mal lhe fez o *Bastão Praçununga* para você o aggreidir por aquella maneira nãs soneto que nos enviou. Será inveja?

Alberto Ghira Tenha paciência, amigo; o seu soneto está *humorístico* p'ra burro e por isso não o publicamos». Si você já não tivesse entrado para o «*Pantheon*», entrava agora, fique certo.

Leonor Machado—Emfim, como nos pede com tão bons modos, sempre lhe diremos que a piada nos foi fornecida pelo proprio Albuquerque.



Arsène Lupin — Póde mandar, mas será submettida á nossa apreciação. Serve-lhe?

Espectador —E' verdade, sim, senhor. A actriz Carmen Osorio deve embarcar breve para aqui, com algumas coristas destinadas á nova companhia que está sendo organizada para o S. Pedro.

Júoqumi (Jojogo) Recebemos seu trabalho; é muito bom, muito bem feito, mas... não presta. A orthographia usada pela «*Gargalhada*», «*Os Ridiculos*» e outros jornaes que se publicam em Lisbôa, é a phonetica; porém a que o illustre amigo adopta é uma orthographia puramente sua e por isso não lhe podemos ser agradaveis. O facto de ter chegado da Europa, ha pouco, nada quer dizer, porque não é só no Brazil que ha *lit'ratos*. Com alguns exercicios mais de orthographia, talvez o illustre amigo ainda venha a escrever sem erros.

Desculpe-nos, mas é a verdade.



A Camara, para diminuir o *deficit*, tem augmentado pavorosamente a despesa.

Bôa medida!

O Riso



Noite de Carnaval

Louca, febril, ardente, delirante,
Desenrola a cabellera loura
Quasi nua, risonha e supplicante,
Atira-te em meus braços, peccadora!

Vem formosa bacchante tentadora!
Mortal abysmo! Abysmo fascinante!
Quero lançar-me á chamma abrazadora
Dessa carne divina e palpitante!

Oh! vem! vem já. Oh! flor do meus desejos!
E' doce e quente o perfumado leito,
Corre serena a noite socegada...

Quero dormir cobrindo-te de beijos,
Abraçando-te, unindo-te a meu peito
Até o despontar da madrugada!

Pierrot

Pedante e...

Aqui neste soneto o gajo que eu defino,
E' humilde de estatura e baldo de feição;
Tem fama por ahi de grande sabichão,
F'ois a todos diz ter um cultivado ensino.

Todo o seu conjuncto é a forma de Claino,
Não passando, assim pois, de um pobre paspalhão.
Na sua *decantada* e *grande* illustração
Falta tudo a meu ver: criterio, senso e tino.

Se o espirito anda nú, se pouco esclarecido
Vegeta esse imbecil que vive alheio a tudo
O seu corpo, ao contrario, está mui bem vestido.

Para a sua pessoa o luxo elle não poupa.
Embora de Dr. não tenha o tal canúdo
Ao menos, p'ra consolo, é bacharel em roupa.

Florestan.

A' VENDA

O Album 3^a série
da Bibliotheca de Cuspides
Linda collecção de 8 bellissimas gravuras.
Preço 1\$000 —::— Pelo correio 1\$500

O Riso

BASTIDORES



da empresa; devendo, como ultimo recurso, ser-lhe applicada uma sova, caso não o faça.

Temos já os nomes dos *conspiradores* e vamos em breve por-lhes a calva á mostra. Por ora limitamo-nos a prevenir o sr. Nazareth do que se trama contra si, para que se não illuda com os *judas* que o cercam.

—Disse-nos a Julia Graça que a sua collega Thereza Gomes anda agora a praticar para «ponto», com o Peres.

Então é porque já se não quer *restaurar* mais...

—A verdade é que a Virginia Aço não se passou mesmo para o S. Pedro com medo que o Paschoal a mandasse prender...

Foi o que nos garantiu o Leonardo Homem de Estudo.

—Até á ultima hora o Henrique Alves ainda não tinha feito entrega da carta de agradecimentos ao empresario Luiz Pereira.

E o beneficio já foi segunda-feira...

—A Elvira de Jesus é que se fartou de rir com o *soneto* do d'Almeida, publicado no nosso «Pantheon.»

E não havia de rir !...

—Então, seu Alberto Ferreira, dizias tanto mal da *mamã* Herminia e agora...

Ora vê lá se tem juizo, rapaz !

—Que diabo quererá dizer o Theodoro Santos quando diz que a Angela tanto fez que se chegou ao *rego* ?

Talvez o Luiz Pinto saiba explicar isso...

—O Lino Ribeiro pediu-nos para que

não tornassemos a falar nos «typos» que tem interpretado.

Fazemos-lhe a vontade: só falaremos nos que interpretar de futuro...

A Pintainha da Trama appareceu ha dias com o pescoço tezo.

Diz ella que foi um ar que lhe deu, mas ha quem garanta que aquilo foi o resultado de umas *castanhas* que lhe deram...

— Diz o Leonardo Homem de Estudo que a Julia Gaivota d'Oliveira depois que entrou para o «Pavilhão» já tem tido uma porção de *coiós*.

Pois si até o galã Palmeira Santa Casa não lhe escapou...



—Ahi tem o leitor a careta sympathica do actor Alvaro d'Almeida, uma cara direita da companhia Taveira, e que hontem fez o seu beneficio no Recreio, apanhando uma casa na altura, como bem merece.

Depois de ver como era aquillo... a Cordalia não quiz mais saber do Cupidinho de Sebo.

Não lhe teria o rapaz enchido as medidas ?...

—Mas com que medo ficou o Albuquerque Lorota ao ser apresentado pelo Zéantone á Carlota, do Pavilhão !

Porque seria isso ?

— Já não ha quem ponha os olhos em cima do Thomaz Vieira.

Estará elle outra vez em uso do *Mucusan*, por causa de algum novo *esfriamento* ?...

—Disse-nos a Candida Pauliteira que a Maria das Neves soube dizer-nos que ella, Candida, ia para o guarda-roupa depois do ensaio cantar a aria da «Tosca» por causa do Sanches flautista, mas nos não disse que ella, Maria, mordeu as orelhas do Vasques Parasita, do Pavilhão.

E o que temos nós com tudo isto ?

Formigão

Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



SUPREMO ABRAÇO

R. MANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO III

—Marcella! Marcella! E's tu?

—Sou.

—Ah!

Não podia mais, era demasiado. E caí como uma massa inerte, no chão, soluçando, Chorei, chorei por longo tempo. Parecia-me que ia enlouquecer, soffria, era um fraco.

Estamos sós: nós os actores! E não ha alguém para applaudir aquella medonha scena, aquelle commovedor drama intimo. Ella na varanda, vendo-me, vencido, caído na rua, chorando e lamentando-me.

Por fim, soceguei. As lagrimas allivaram-me. Pude erguer-me, e, com grande susto, subi a escada e empurrei a porta do quarto.

Marcella tinha as velas accessas.

Collocou-se na minha frente, muito apumada. Os seus grandes olhos azues tinham uma expressão terrivel. Fitando-me, senti a impressão de que me amaldiçoava, me odiava. Dir-se-ia furiosa por eu ter saído são e salvo do brazeiro. Dirigiu-me a palavra n'um tom secco, cruel, abominavel:

Meu amigo, quando um homem tem a felicidade de ser amante de uma mulher como eu, não assiste o direito de se expor temerariamente a perigos imbecis. Deixe esse cuidado aos outros. E's um vaidoso; tudo o que fizeste é mais um acto de orgulhoso do que de um bravo.

Era medonho! Julguei que ia cair a seus pés e pedir-lhe perdão.

Comtudo, tive vergonha da minha fraqueza e gritei:

—E's uma imbecil, um monstro de crueldade e de torpeza! Envergonho-me de ti! Desprezo-te! amaldiçoo-te! E's uma creatura ignobil! O teu corpo está podre como a tua alma! Incarnas a hediondez, o mal, a vergonha! E's a podridão. Adeus.

Por sua vez, acabrunhada, vencida,

Marcella caiu n'uma cadeira, o rosto banhado em lagrimas.

—Era o teu escravo, prosegui, dera-te tudo. Enganaste-me cobardemente. Creatura sem pudor, sem fé, nem sequer tiveste o culto da tua mentira, e foi neste leito, onde na vespera eu estivera nos teus braços, que te entregaste a teu amante. Tinha-te perdoado...

Não! exclamou Marcella, não me perdoaste.

—Queria perdoar-te, pelo menos!... E agora commetteste a unica injuria que mulher alguma tem o direito de praticar. Odeias-me porque te amo ainda! Tens inveja da minha superioridade sobre ti... E porque valho mais do que tu... Ainda agora, no momento em que me lancei por entre as çhammas, quando nem tu nem ningém podia saber se ali ficaria asphyxiado, li nos teus olhos: desejaste que lá encontrasse a morte, a morte horrivel. E's o diabo, o monstro do mal! Adeus.

Porque prodigio, pois não a sentira mover-se, no momento em que lhe dizia adeus, estava Marcella estendida no chão, deitada a meus pés, abraçando-me as pernas com os seus braços adorados, e dizendo-me por entre lagrimas:

—Não! não! adeus, não! Amo-te, sou uma louca! E's tu que me endoideces! E' o amor! Amo-te! Tem compaixão de mim! Supplico-te!

Fitei-a. Invadiu-me uma immensa piedade. Tornei-me cobarde,

—Ficarei. Levanta-te, vae dormir.

Apesar de toda a sua infamia, apesar de todo o meu odio, amava-a. Era uma ligação impossivel de quebrar. Despiu-se. Mettia na cama e estive até pela manhã, contemplando-a enternecido, vendo-a dormir.

(Continúa.)